

**Gógol**

**A AVENIDA NIÉVSKI**

*Capa: Sônia Maria Fontanezi*  
*Diagramação: Equipe Escrita*  
*Tradução: Arlete Orlando Cavaliere*  
*(do original russo que figura no livro*  
**Rúskie Klássiki** - V. V. Gógel, *Internatio-*  
*nal University Press, New York)*

*Direitos reservados à*  
*Editora e Livraria Escrita Ltda.*  
*Rua General Jardim, 570 - Fone: 255-5194*  
*01223 - São Paulo (SP)*  
*1981*

Não há nada melhor do que a Avenida Niévski, pelo menos em Petersburgo, onde ela representa tudo. Mas o que não brilha nesta rua-beleza de nossa capital? Eu sei que os seus pálidos e burocráticos habitantes não trocariam nada deste mundo pela Avenida Niévski. Não apenas quem tem vinte e cinco anos, majestosos bigodes e uma sobrecasaca admiravelmente confeccionada, mas também aquele, em cuja barba despontam cabelos brancos e cuja cabeça é lisa como uma baixela de prata, sente-se extasiado com a Avenida Niévski. E as damas! — Oh!, para as damas a Avenida Niévski é ainda mais agradável. E para quem ela não é agradável? Basta entrar na Avenida Niévski para sentir um cheiro de passeio. Mesmo que alguém tenha algum assunto importante e indispensável, é só aparecer por lá que todos os assuntos são realmente esquecidos.

É o único lugar onde as pessoas não aparecem por necessidade, e nem por causa do afã dos interesses comerciais que toma conta de toda Petersburgo. Parece que o homem que se encontra na Avenida Niévski é menos egoísta do que na Morskaia, Gorókhovaia, Litéinaia, Mechchânskaia e em outras ruas, onde a voracidade, a mesquinhez e a necessidade estão manifestas nos transeuntes e em todos aqueles que vão ou que voam em suas berlindas e carruagens. A Avenida Niévski é a comunicação obrigatória de todos, em Petersburgo. O habitante do distrito de Petersburgo ou de Viborg que durante alguns anos não tivesse encontrado seu amigo em Peski, ou na saída para Moscou, pode estar certo de que ali o encontrará infalivelmente. Nenhum guia de cidade e nenhuma agência de informação poderiam oferecer notícias tão precisas quanto a Avenida Niévski. Oh! Avenida Niévski onipotente! Única alegria do pobre no passeio em Petersburgo! Como as calçadas são varridas com asseio! E, meu Deus, quantos pés não deixaram aí seus traços impressos! A bota pesada e suja do reservista, cujo peso parece abalar o próprio granito, e o sapatinho minúsculo e leve como fumaça da jovem senhora, que vira sua cabecinha para as vitrines reluzentes das lojas como o girassol ao sol; e o sabre barulhento do alferes esperançoso, que o carrega arranhando-o

rudemente no chão, todos descarregam ali o poder da força ou o poder da fraqueza. Com que rapidez nela se realiza tanta fantasmagoria ao longo de um único dia! Como pode suportar tantas transformações em apenas 24 horas! Começemos pelas primeiras horas da manhã, quando toda Petersburgo cheira a pães quentes e frescos e está cheia de velhos com seus trajes e pelerines rasgados, acercando-se da igreja vazia; os encorpados proprietários das lojas e seus caixeiros ainda dormem em seus camisolões holandeses, ou ensaboam suas generosas bochechas, ou tomam café; os mendigos se reúnem nas portas das confeitarias onde um sonolento Ganimedes, que ontem voava como uma mosca com o chocolate, arrasta-se com a vassoura na mão, sem gravata, atirando-lhes pasteizinhos secos e sobras de comida. Pela rua cruzam-se as pessoas necessitadas, às vezes atravessam-na mujiques apressados para o trabalho, com as botas tão sujas de cal que nem o canal Ekaterínski, conhecido por sua limpeza, seria capaz de limpá-las. Nesta hora, como de costume, não é conveniente que as damas saiam, porque o povo russo costuma utilizar-se de expressões tão ásperas que elas, com certeza, não ouviriam até mesmo no teatro. Às vezes um funcionário sonolento cambaleia com sua pasta debaixo do braço, se por acaso no seu caminho para o departamento se inclui a Avenida Niévski. Pode-se dizer, decididamente, que nesta hora, isto é, até o meio-dia, a Avenida Niévski não constitui objetivo para ninguém, e serve somente como meio. Pouco a pouco ela vai se enchendo de rostos que têm suas ocupações, seus cuidados, seus aborrecimentos, mas que não pensam absolutamente nisto. O mujique fala do dinheiro miúdo; os velhos e as velhas agitam as mãos ou falam consigo mesmo; às vezes com gestos surpreendentes, mas ninguém os escuta ou zomba deles, com exceção apenas dos garotos de aventais coloridos que correm como raios com frascos vazios ou com sapatos nas mãos. Nesta hora até mesmo se você, em vez de chapéu, pusesse um gorro na cabeça, ou mesmo se a gola estivesse demasiado longe de sua gravata, ninguém iria reparar.

Às 12 horas na Avenida Niévski irrompem preceptores de todas as nacionalidades, com seus pupilos de golas de

cambráia. Os Johnsons ingleses e os Kocks franceses vão de mãos dadas com os pupilos que foram confiados à sua tutela paternal e com decente seriedade explicam-lhes que os letreiros das lojas são feitos para que se possa através deles saber o que encontrar nessas mesmas lojas. As governantas, pálidas misses e escravas rosadas, caminham majestosas atrás de suas meninas irrequietas e travessas ordenando que levantem um pouco mais o ombro e que se mantenham eretas; em uma palavra, a esta hora a Avenida Niévski é uma Avenida Niévski pedagógica. Mas, quanto mais se aproximam as duas horas, menor é o número de preceptores, pedagogos e crianças, pois eles vão ser substituídos por seus queridos pais, que levam de braço dado suas companheiras coloridas, variegadas e de nervos fracos. Pouco a pouco juntam-se a eles os que terminaram suas importantes ocupações domésticas como: os que conversaram com seu médico sobre o tempo e sobre uma pequena espinha que brotou no nariz; os que quiseram saber da saúde dos seus cavalos e de suas crianças, a propósito elas demonstram grandes dotes: lêem uma manchete e um artigo importante nos jornais sobre os que chegam e os que vão; finalmente há aqueles que tomaram uma xícara de café e chá; a estes também se juntam aqueles cuja sorte invejável os dotou com o abençoado título de funcionário para assuntos especiais. Seguem-se os que trabalham no Ministério das Relações Exteriores e se caracterizam pela nobreza de suas ocupações e hábitos. Meu Deus, quantos cargos e serviços! Como eles elevam e regozijam a alma! Mas ai! eu não tenho um emprego público e estou privado do prazer de apreciar o delicado tratamento dos superiores. Tudo o que você encontra na Avenida Niévski está repleto de decência: os homens de capas compridas com as mãos enfiadas nos bolsos, as damas de casacos acetinados cor-de-rosa, branco e azul pálido, e de chapéu. Ali você encontra costeletas singulares que passam com arte extraordinária e assombrosa por baixo da gravata. Costeletas aveludadas, acetinadas, negras como a zibelina ou o carvão, mas, ai! que pena!, pertencem apenas a um departamento do Ministério das Relações Exteriores. Aos funcionários de outros departamentos o destino negou coste-

letas negras, e eles com grande desgosto são obrigados a usá-las ruivas. Ali você encontra maravilhosos bigodes; nenhuma pena, nenhum pincel pode expressar os bigodes aos quais é dedicada a melhor metade da vida e que são objeto de longos cuidados durante o dia e a noite, bigodes sobre os quais derramaram-se perfumes e aromas excitantes e que são untados com as mais preciosas e mais raras espécies de creme, bigodes que se envolvem à noite com um fino papel, bigodes que exprimem o carinho mais tocante de seus possuidores e que fazem inveja aos transeuntes.

Mil qualidades de chapéus, vestidos, lenços coloridos e vaporosos que conservam até por dois dias inteiros a afeição de suas proprietárias, ofuscam sempre alguém na Avenida Niévski. Como se fosse todo um mar de borboletas que se elevassem de repente dos caules e se agitassem como uma nuvem brilhante em cima dos negros besouros do sexo masculino.

Ali você encontra umas cinturas com que nem chegou a sonhar: fininhas, estreitinhas, cinturas não mais grossas que o gargalo de uma garrafa; e encontrando-se com elas você se afasta respeitosamente para não acotovelá-las; e apoderam-se do seu coração a timidez e o medo de que, por descuido, sua respiração não vá destruir a mais encantadora obra da natureza e da arte. E que mangas de vestido você encontra na Avenida Niévski! Ai, que encanto! Elas se parecem um pouco com dois balões de ar, como se uma dama de repente pudesse elevar-se no ar, caso não estivesse amparada pelo cavalheiro; pois suspender uma dama no ar é tão fácil e agradável quanto levar à boca uma taça repleta de champanha. Em nenhum lugar as pessoas, ao se encontrarem, cumprimentam-se com tanta nobreza e desembaraço como na Avenida Niévski.

Lá você encontra o sorriso especial, o sorriso da perfeição artística, às vezes é um sorriso tal que você pode até se desvanecer de prazer, às vezes é tal que você se sente de súbito mais insignificante do que uma crva e abaixa a cabeça, e às vezes é tal que você se sente mais alto do que a agulha do Almirantado e aí levanta a cabeça bem alto. É ali que você encontra aqueles que conversam sobre um concerto

ou sobre o tempo com extraordinária nobreza e com um sentimento de dignidade pessoal. Ainda você achará milhares de caracteres e fenômenos incompreensíveis. Oh! Criador! que tipos estranhos se encontram na Avenida Niévski! Existem tantas pessoas que, ao se encontrarem com você, seguramente vão olhar para os seus sapatos e, se você apenas passar, vão virar-se para trás e olhar as abas de sua casaca. Até agora eu não posso compreender por que isto ocorre. De início eu pensei que eles fossem sapateiros, mas logo vi que não, absolutamente: a maioria deles trabalha em departamentos diversos, muitos deles poderiam escrever de um modo magnífico uma comunicação de um departamento oficial para outro, ou até mesmo são pessoas que passeiam, que lêem o jornal nas confeitarias, numa palavra, dessas pessoas a maioria é distinta. Nesta abençoada hora das 2 às 3 da tarde, que pode ser qualificada de "a capital-móvel da Avenida Niévski", surge a principal exposição das melhores obras do homem. Um exhibe elegante sobrecasaca do melhor castor, outro, um maravilhoso nariz grego, o terceiro usa magníficas costeletas; uma quarta, um par de olhinhos lindos e um chapéu incrível; o quinto, um anel com um talismã no elegante mindinho; uma sexta, o pezinho numa botinha encantadora; o sétimo, uma gravata surpreendentemente excitante, e o oitavo, uns bigodes que derrubam de admiração.

Mas batem as três e a exposição termina, a multidão vai dispersando. . . às três horas há uma nova transformação. E na Avenida Niévski de repente surge a primavera: ela se cobre toda de funcionários de uniformes verdes. Conselheiros titulares, conselheiros da corte e demais conselheiros (1), famintos, concentram todas as suas forças para acelerar o passo. Os jovens registradores de colegiatura, os secretários de colegiados de província, apressam-se para aproveitar ainda mais o tempo e dar uma volta pela Avenida Niévski com uma aparência que não revela em absoluto que estiveram sentados durante seis horas numa repartição pública. Mas os

(1) Os diferentes cargos do funcionalismo russo eram designados por nomes bastante pomposos. (N. da T.)

velhos secretários de colegiatura, os conselheiros titulares e da corte andam depressa e de cabeça baixa: não se preocupam em olhar para os transeuntes; eles ainda não estão completamente desligados de suas preocupações; sua cabeça está um caos e há todo um arquivo de coisas começadas e não acabadas; para eles, por muito tempo ainda, em vez dos letreiros das lojas surgirá ante os olhos uma caixa com papéis ou o rosto gordo do chefe da repartição.

Depois das quatro a Avenida Niévski está vazia, e é pouco provável que você encontre um único funcionário. Alguma costureira sai correndo de uma loja, atravessando a Avenida Niévski com uma caixa nas mãos, alguma vítima miserável da humanidade, com um capote de lã grosseira; alguma figura estranha que passa e para a qual todas as horas são iguais; algum inglesa alta e enorme com uma bolsinha e um livro nas mãos; algum membro de artel(2) russo, de sobrecasaca de mescla de algodão com a cintura nas costas, com uma barbicha estreita, que vive toda a sua vida como que alinhavado e no qual tudo se move quando ele passa respeitoso pela calçada: as costas, os braços, os pés, a cabeça; às vezes algum artesão modesto — e ninguém mais você encontrará na Avenida Niévski.

Mas, nem bem o crepúsculo cai sobre as casas e as ruas, o guarda-noturno, coberto por uma lona, sobe a escada para acender o lampião e surgem das vitrines baixinhas das lojas aquelas estampas que não se atrevem a aparecer durante o dia; eis que a Avenida Niévski renasce de novo e começa a se agitar. Chega então aquela hora misteriosa em que os lampiões dão a tudo certa luz sedutora e cativante. Você encontra então gente jovem, na maior parte solteiros, de sobrecasaca ou capote quente. Nessa hora percebe-se um objetivo, ou melhor, algo parecido com um objetivo. Algo extraordinariamente inconsciente, e os passos de todos se apressam e se tornam quase sempre muito irregulares. Sombras longas bailam pelas paredes e pela calçada e por pouco não alcançam com suas cabeças a ponte Politzéiski. Os jovens regis-

(2) Grupo de operários ou artesãos contratado por determinado período.  
(N. da T.)



tradores de colegiatura ou os secretários de colegiadores de província vagueiam por muito tempo, mas os velhos funcionários ficam, a maioria deles, em casa: ou porque são casados, ou porque as cozinheiras alemãs que moram com eles preparam muito bem a comida. Ali você encontra velhos respeitáveis — os mesmos que passeavam às 2 horas pela Avenida Niévski com aquela seriedade e com aquela nobreza surpreendente — você os verá agora correndo como os jovens registradores de colegiatura para espiar de longe, por baixo do chapéu de uma dama admirável, cujos grossos lábios e faces rebocadas de vermelho agradam a muitos dos transeuntes e mais ainda aos balconistas, aos membros de artel e aos comerciantes, que passeiam sempre com suas sobrecasacas alemãs, numa verdadeira balbúrdia e geralmente de braço dado.

— Pare! gritou nesse momento o tenente Pirogóv, puxando o jovem de fraque e capa que ia a seu lado. -- Você viu?

— Eu vi, é maravilhosa, exatamente como a Bianca de Perugini.

— Mas de quem está falando?

— Falo dela, daquela de cabelos escuros, e que olhos, meu Deus, que olhos! Tudo! O seu contorno e o rosto oval. Que maravilha!

— Eu estou falando da loura que passou atrás dela naquela direção. Por que não vai atrás da morena se ela te agrada tanto?

— Oh! Como poderia! — exclamou corando o jovem de fraque. — Como se fosse uma daquelas que andam à tardinha pela Avenida Niévski; mas esta deve ser uma dama muito importante — continuou ele, suspirando: Só a sua capa deve custar uns 80 rublos!

— Bobão! — exclamou Pirogóv vivamente, empurrando-o para o lado onde flutuava a capa deslumbrante. — Ande, palerma, vai deixar escapar! E eu vou atrás da loura. — E os amigos se separaram.

— Nós conhecemos todas elas — pensou consigo mesmo Pirogów com um sorriso confiante e presunçoso, seguro de que beleza alguma poderia resistir-lhe.

O jovem de fraque e capa dirigiu-se com um passo tímido e vacilante para o lado onde, ao longe, flutuava a capa multicolorida, ora iluminando-se de um brilho vivo à medida que se aproximava da luz do lampião, ora de repente cobrindo-se de sombra à medida que dele se distanciava.

O seu coração palpitava e sem querer ele acelerava o passo. Não se atrevia sequer a pensar que teria algum direito à atenção daquela beldade que voava para longe, e muito menos poderia admitir aquele negro pensamento que o tenente Pirogów tinha-lhe insinuado; mas o que desejava era apenas ver a casa dela, saber onde morava aquela criatura encantadora que parecia ter caído do céu diretamente para a Avenida Niévski e que provavelmente voaria não se sabe para onde. Ele corria tão depressa que empurrava continuamente para fora da calçada os respeitáveis senhores de costeletas grisalhas.

Este jovem pertencia àquela classe que constitui entre nós um fenômeno bastante estranho, pois podia pertencer tanto à cidade de Petersburgo, quanto a pessoa que nos aparece em sonhos pertence ao mundo real. Esta categoria excepcional era muito singular naquela cidade onde todos eram funcionários, comerciantes ou artesãos alemães. Ele era um pintor. Não é verdade que é um fenômeno estranho? Um pintor petersburguês! Um pintor na terra das neves, um pintor no país dos finlandeses, onde tudo é úmido, liso, plano, pálido, cinza, nebuloso. Estes pintores não se parecem em nada com os pintores italianos, orgulhosos e ardentes como a Itália e o céu italiano; ao contrário, a maior parte deles é gente bondosa, doce, tímida, despreocupada, amante serena de sua arte, que toma chá com seus dois amigos no pequeno quarto, que discute modestamente um tema preferido e não se preocupa com nada supérfluo. Ele sempre convida para ir a sua casa alguma mendiga velha e obriga-a a ficar sentada seis horas seguidas, a fim de passar para a tela sua expressão dolorosa e sem sentimento. Ele pinta a perspectiva de seu quarto, no qual existem todas as futilidades

artísticas: braços e pés de gesso, que por causa do tempo e do pó se tornaram cor de café, cavaletes quebrados, a paleta derrubada, o amigo tocando guitarra, as paredes manchadas de tinta, e a janela aberta, através da qual aparecem o pálido Nevá e os pobres pescadores com suas camisas vermelhas.

Aparece quase sempre nessas obras um colorido nebuloso e acinzentado — marca típica do norte. Além de tudo, eles se dedicam ao seu trabalho com verdadeiro prazer. Frequentemente, alimentam em si um talento autêntico e, se soprasse sobre eles o vento fresco da Itália, esse talento se desenvolveria, é provável, tão livre, ampla e vivamente como a planta que é retirada de um quarto para o ar livre. Eles em geral são muito tímidos: uma estrela e grossas dragonas levam-nos a tal confusão que eles, sem querer, diminuem o preço de suas obras. Às vezes gostam de ser elegantes, mas essa elegância parece neles sempre demasiado ostensiva e surge quase como um remendo. Você os verá com um magnífico fraque e com uma capa manchada, com um colete caro de veludo e uma sobrecasaca toda cheia de tinta. Da mesma forma, você verá, às vezes, em uma paisagem inacabada, o desenho de uma ninfa de cabeça para baixo que ele, não encontrando outro lugar, esboçou no fundo manchado de sua obra anterior, pintada então com prazer. Ele nunca olhará você diretamente nos olhos, e, se o fizer, será de maneira vaga e confusa; não lhe cravará um olhar de gavião observador ou o olhar de falcão de um oficial de cavalaria. Isto acontece porque ao mesmo tempo ele verá em seus traços os do Hércules de gesso que se encontra em seu quarto, ou estará imaginando aquele mesmo quadro que pensa ainda criar. Por isso responde frequentemente com incoerência, às vezes até sem lógica, e as idéias se misturam tanto em sua cabeça que aumenta ainda mais a sua timidez.

É a esta categoria que pertencia o nosso jovem pintor Piskarev, tímido, vacilante, mas cuja alma estava cheia de faíscas de sentimento, sempre prontas a transformarem-se em chama. Com um temor secreto apressava-se ele em direção ao objeto que tão fortemente o surpreendera, e ele mesmo parecia estar admirado de seu atrevimento. A criatura desconhecida em que havia fixado seus olhos, seus pensamentos

e sentimentos, de repente virou a cabeça e olhou para ele. Meu Deus, que traços divinos! A fronte sedutora, de uma brancura deslumbrante, estava coberta por cabelos maravilhosos como ágata. Aquelas madeixas encantadoras ondulavam, e uma parte delas, escapulindo por baixo do chapéu, tocava as faces pinceladas com um rubor fino e fresco, provocado pelo frio noturno. A boca estava fechada por um verdadeiro enxame de sonhos lindíssimos. Tudo aquilo que retemos como lembrança da infância, aquilo que nos remete ao sonho e à suave inspiração diante de uma lamparina acesa, tudo parecia reunido, difuso e refletido nos seus lábios harmoniosos. Ela olhou para Piskarev, que teve o coração palpitando com aquele olhar; ela olhou severamente e um sentimento de indignação transpareceu em seu rosto diante de tão insolente perseguição; mas neste rosto lindo até mesmo a cólera era fascinante. Cheio de vergonha e timidez, ele parou e baixou os olhos; mas como perder essa divindade sem saber pelo menos o seu santuário ou onde baixara e ia se hospedar? Estes pensamentos vinham à cabeça do jovem sonhador e ele decidiu segui-la. No entanto, para não dar na vista, aumentou a distância que os separava, olhou despreocupadamente para os lados e ficou observando os letreiros, mas sem perder de vista um passo sequer da desconhecida. Os transeuntes tornavam-se mais raros, a rua tornou-se mais silenciosa; a bela mulher virou cabeça e ele teve a impressão de que um sorriso suave brilhava em seus lábios. Começou a tremer inteiro e não pôde crer em seus próprios olhos. Não era o lampião com sua luz falsa que fazia surgir no rosto dela um simulacro de sorriso, não, seus próprios sonhos zombavam dele. Mas a respiração deteve-se em seu peito, tudo nele se transformou em um temor confuso, todos os seus sentidos arderam e tudo diante dele se envolveu por uma névoa. A calçada correndo embaixo dele, as carruagens com os cavalos que galopavam pareciam imóveis; a ponte se estendia e se rompia no seu arco, uma casa ficou de cabeça para baixo, uma guarita desmoronou sobre ele, e a alabarda da sentinela, juntamente com as palavras douradas do letreiro, com as tesouras desenhadas, brilharam como que nos seus próprios cílios. E tudo isso foi produzido por um único olhar, um

único virar da linda cabecinha. Sem ouvir, sem ver, sem prestar atenção a nada, voando atrás dos leves vestígios daqueles pezinhos encantadores, esforçava-se para moderar a rapidez de seu passo, que corria conforme o ritmo do coração: às vezes se apoderava dele uma dúvida: teria sido benevolente a expressão do rosto dela? E então ele parava por um minuto, mas a pulsação de seu coração, a força insuperável e a inquietude de todos os seus sentimentos impeliavam-no para frente. Ele nem se deu conta de que subitamente, diante dele, surgiu um prédio de quatro andares; as quatro filas de janelas, brilhantes como fogo, olharam para ele todas de uma só vez, e o corrimão junto da entrada deu-lhe o seu choque de ferro.

Ele viu a desconhecida voar pela escada, olhar ao redor, pôr um dedo nos lábios e fazer-lhe um sinal para segui-la. Tremeram-lhe os joelhos; os seus sentimentos e pensamentos arderam; um relâmpago de alegria penetrou com intensidade insuportável em seu coração. Não, isto já não é um sonho! Meu Deus! Quanta felicidade em um abrir e fechar de olhos! Que vida milagrosa em dois minutos!

Mas não seria tudo isto um sonho? Seria possível que aquela por cujo olhar celestial ele estava disposto a dar toda a sua vida, e de cuja casa já considerava uma felicidade inalcançável o aproximar-se, seria possível que ela fosse agora tão benevolente e atenciosa para com ele? Subiu a escada correndo. Não tinha nenhum pensamento terrestre, não estava inflamado pela chama de nenhuma paixão terrena; não, naquele minuto ele era puro e inocente como um adolescente virgem que acalenta uma necessidade espiritual indefinida de amor. E aquilo que despertaria em qualquer homem libertino pensamentos atrevidos, ao contrário, tornava os seus ainda mais santificados. A confiança que lhe transmitia aquela meiga e maravilhosa criatura impunha-lhe o voto de ser austero como um cavaleiro, o voto de cumprir como um escravo todas as suas ordens. Ele desejava tão somente que aquelas ordens fossem as mais difíceis e inexeqüíveis, para que com grande esforço pudesse atirar-se a superá-las. Não tinha dúvidas de que algum acontecimento misterioso e ao mesmo tempo importante obrigaria aquela desconhecida a confiar

nele; que dele, provavelmente, seriam exigidos grandes serviços, e já sentia dentro de si a força e a decisão para tudo.

A escada retorcia-se e com ela retorciam-se também os seus rápidos sonhos. “Vá com mais cuidado!” ressoou a voz como harpa e todas as sua veias se encheram de um novo frêmito. Na escura altura do quarto andar a desconhecida bateu na porta — esta abriu-se e eles entraram juntos. Uma mulher de aspecto bastante agradável foi ao encontro deles com uma vela na mão; mas olhou para Piskarev tão estranha e descarada que ele sem querer baixou os olhos. Entraram no aposento. Três figuras femininas em cantos diferentes surgiram diante dos seus olhos. Uma delas punha as cartas, outra estava sentada ao piano e tocava com dois dedos algo choroso, parecido com uma antiga polonesa, a terceira, sentada diante de um espelho, penteava as longas madeixas e absolutamente não pensava em interromper a sua toailete por causa da entrada de um desconhecido. Reinava ali certa desordem desagradável, que só pode ser encontrada no quarto descuidado de um solteirão. Os móveis razoavelmente bons estavam cobertos de pó; uma aranha esticava sua teia sobre a cornija, através da porta entreaberta de um outro quarto brilhavam uma bota com espora e a borda vermelha de um uniforme; uma forte voz masculina e uma risada feminina ressoavam sem qualquer constrangimento.

Meu Deus, onde ele fora se meter! De início não queria acreditar e começou a examinar com mais atenção os objetos que preenchiam o quarto; mas as paredes nuas e as janelas sem cortinas não revelavam a mínima presença de uma dona de casa cuidadosa, os rostos gastos dessas míseras criaturas, uma das quais estava sentada quase diante do seu nariz e se pôs a olhá-lo tranqüilamente, como se ele fosse mancha em vestido alheio — tudo isso o convenceu de que tinha caído em um abominável abrigo, morada da lamentável depravação, produto da falsa educação e do terrível excesso de gente da capital. Este abrigo onde o homem em sacrilégio espezinha e ri de tudo que é puro e sagrado e que enaltece a vida, onde a mulher, esta beleza do mundo, auréola da criação, se transforma em uma criatura estranha e ambígua, onde junto com a pureza da alma se perde também

toda feminilidade e se adquirem uns modos e um descaramento masculino detestáveis, e ela deixa de ser aquela frágil, aquela maravilhosa criatura tão diferente de nós.

Piskarev olhava para ela dos pés à cabeça com uns olhos espantados, como que para se convencer de que era aquela mesma que o tinha enfeitiçado, arrastando-o pela Avenida Niévski. Mas ela ali estava diante dele, bonita, do mesmo modo; seus cabelos eram maravilhosos do mesmo jeito; seus olhos pareciam ainda celestiais. Ela era viçosa e tinha apenas dezessete anos; era evidente que fazia pouco tempo que fora atingida por aquela terrível libertinagem, que ainda não ousara tocá-la em suas faces, frescas e suavemente realçadas por um fino rubor: ela era linda.

Permanecia imóvel diante dela, pronto a perder a cabeça como já havia acontecido antes. Mas a beldade se aborreceu com aquele longo silêncio e sorriu expressivamente olhando-o direto nos olhos. Mas este sorriso estava cheio de um certo descaro doloroso: para seu rosto ele era tão estranho como a expressão da devoção no focinho do usurário ou o livro de contabilidade para o poeta. Ele estremeceu. Ela abriu sua linda boquinha e começou a falar alguma coisa tão boba e tão trivial... Como se fosse possível junto com a pureza perder também a inteligência humana. Ele já não queria escutar mais nada. Sentia-se excessivamente ridículo e ingênuo como uma criança. Ao invés de se aproveitar daquela benevolência, ao invés de se regozijar com aquele incidente, o que sem dúvida faria qualquer outro em seu lugar, pôs-se a correr com todas as suas forças como uma cabra selvagem pela rua.

De cabeça baixa e os braços caídos ficou sentado em seu quarto como um pobre que encontra uma pérola inestimável e deixa-a imediatamente cair no mar.

— Tão bela, uns traços tão divinos, e onde? em que lugar? — era tudo o que podia pronunciar.

Com efeito, nunca a piedade se apodera tão intensamente de nós, como diante da beleza tocada pelo sopro podre do vício.

Ainda se fosse a feiúra que tivesse se unido a ele, mas a beleza, a beleza delicada. . . Pois em nossos pensamentos ela apenas se mistura com a pureza e a castidade. Aquela maravilha que tinha enfeitado o pobre Piskarev era certamente um fenômeno prodigioso e extraordinário. Sua presença naquele ambiente deplorável parecia-lhe ainda mais extraordinária. Todos os seus traços eram marcados de tanta pureza, toda a expressão de seu maravilhoso rosto refletia tanta nobreza, que jamais se poderia pensar que o vício tivesse estendido sobre ela as suas terríveis garras. Ela continha uma pérola inestimável, o universo inteiro, o paraíso todo, toda a riqueza de um esposo apaixonado; ela poderia ser uma estrela linda e suave em um simples círculo familiar e, com um movimento de sua maravilhosa boca, daria as ordens mais doces. Ela poderia ser uma divindade em uma sala cheia de gente, no assoalho claro sob a luz brilhante das velas, sob a veneração silenciosa da multidão de adoradores caída a seus pés; mas ai! Ela fora, por uma vontade terrível do espírito do mal, ansioso por destruir a harmonia da vida, atirada com uma gargalhada em seu abismo.

Ele estava sentado diante da vela acesa, penetrado por uma piedade dilacerante. Já havia passado de meia-noite, o sino da torre havia batido meia-noite e meia, mas ele continuava sentado, imóvel, sem sono, sem força para agir. A sonolência, aproveitando-se de sua imobilidade, já começava vagarosamente a tomar conta dele, o quarto já começava a desaparecer, apenas uma chama de vela iluminava e se apoderava de seus sonhos, quando de repente um golpe na porta o fez estremecer e voltar a si. A porta abriu-se e entrou um laçao com uma rica libré. Em seu quarto solitário nunca tinha entrado uma libré rica, ademais naquela hora tão extraordinária. . .

Ficou perplexo e olhou com uma curiosidade impaciente para o laçao recém-chegado.

— Aquela senhora — disse o laçao com uma respeitosa reverência — em cujos aposentos o senhor teve o prazer de estar há algumas horas, ordenou-me que o convidasse à sua casa e enviou sua carruagem.



Piskarev ficou imóvel de surpresa: “carruagem, um laçao de libré! . . . Não, aqui há algum erro, com certeza. . .”

— Escute, meu caro, falou ele com timidez, o senhor com certeza não entrou onde devia. A sua senhora, sem dúvida, mandou buscar alguém mais e não eu.

— Não, senhor, eu não estou enganado. Não foi o senhor que teve a fineza de acompanhar a senhora a pé até a casa da rua Litéinaia, nos aposentos do quarto andar?

— Sim. Fui eu.

— Então, depressa, por favor, a senhora deseja vê-lo sem falta e pede para que o senhor vá direto à sua casa.

Piskarev desceu correndo a escada. Na rua estava realmente a carruagem. Ele sentou-se, as portinholas bateram, as pedras da calçada ressoaram sob as rodas e sob os cascos — e a perspectiva das casas iluminada com letreiros brilhantes passava voando ao lado das janelas da carruagem. Piskarev ficara pensando durante todo o caminho, sem saber como explicar esta aventura. A casa própria, a carruagem, o laçao com a rica libré. . . ele não conseguia, de forma alguma, conciliar tudo isto com o aposento no quarto andar, com as janelas empoeiradas e o piano desafinado. A carruagem parou diante de uma entrada brilhantemente iluminada e de súbito o assombraram a fila das carruagens, a fala dos cocheiros, as janelas resplandescentes e os sons da música. O laçao com a rica libré o fez descer da carruagem e respeitosamente conduziu-o ao vestibulo com colunas de mármore, com um porteiro banhado em ouro, com capas e casacos de peles espalhados e com uma lâmpada brilhante. Uma escada esvoaçante, de corrimãos brilhantes e perfumada de aromas, levava para cima. Ele já estava lá, já havia entrado na primeira sala, assustado e recuando do primeiro passo, diante de uma multidão espantosa. A extraordinária mistura de rostos deixou-o numa confusão completa; parecia-lhe que algum demônio tivesse despedaçado o mundo todo em uma infinidade de diferentes pedaços, e todos esses pedaços sem sentido, sem significado, se confundissem juntos. Os ombros brilhantes das senhoras e os fraques negros, os lustres, as lâmpadas, os tecidos vaporosos e esvoaçantes, as fitas eté-

reas e o grosso contrabaixo dos magníficos coros que transparecia pelo corrimão — tudo era deslumbrante. Ele viu de repente reunidos tantos velhos respeitáveis e homens de meia-idade com estrelas nos fraques; senhoras que com tanta ligeireza, orgulho e graça, desfilavam pelo assoalho ou ficavam sentadas em filas; ouviu tantas palavras em francês e inglês... Também os jovens de fraques pretos estavam repletos de tanta nobreza, falavam e calavam com tanta dignidade, sabiam tão bem não dizer nada de supérfluo, agradeceram tão magnificamente, sorriam com tanto respeito, levavam umas costeletas tão perfeitas, sabiam mostrar suas mãos impecáveis com tanta arte ao arrumar a gravata, e as senhoras eram tão vaporosas, tão envoltas numa absoluta satisfação e embriaguez, baixavam os olhos de uma maneira tão encantadora que... Entretanto, o aspecto humilde de Piskarev, que se apoiava, apreensivo, na coluna, revelava que ele estava completamente desconcertado. Neste momento a multidão rodeou o grupo dos que estavam dançando. Eles deslizavam entre transparentes criações de Paris, com vestidos feitos de ar; elas tocavam descuidadamente o assoalho com seus pezinhos brilhantes e seriam mais etéreas ainda se não o houvessem sequer tocado. Mas uma delas estava vestida melhor, com mais luxo e exuberância do que todas. A combinação de gosto indescritível e mesmo delicada espalhava-se em todos os seus adornos e parecia que ela não estava preocupada com nada daquilo e isto se manifestava sem querer em si mesma.

Ela ora olhava, ora não olhava para a multidão de espectadores ao redor, os cílios maravilhosos e compridos baixavam com indiferença e a resplandescente brancura de seu rosto saltava aos olhos ainda mais deslumbrante quando uma sombra leve cobria sua testa ao inclinar a cabeça.

Piskarev fez todos os esforços para abrir caminho entre a multidão e poder examiná-la melhor mas, para grande desgosto seu, uma enorme cabeça de cabelos escuros e crespos a escondia incessantemente; a multidão ainda o pressava de tal maneira que não se atrevia nem a avançar e nem a recuar, temendo esbarrar em algum conselheiro secreto. Mas eis que encontrou um jeito de ir para frente e deu uma olha-

da em sua própria roupa, desejando que ela estivesse arrumada decentemente: Santo Deus, mas o que era aquilo! Ele tinha toda a sobrecasaca manchada de tinta: na pressa de ir ele se esquecera até de trocar-se e de vestir uma roupa melhor. Ficou vermelho até a alma e, baixando a cabeça, quis se enterrar; mas decididamente não havia como: os cadetes com trajes luxuosos estavam colocados atrás dele como uma perfeita parede. Ele desejava agora estar o mais longe possível daquela beleza de testa e cílios fascinantes. Com medo levantou os olhos para se certificar de que ela não estava olhando para ele: Meu Deus! ela estava diante dele... Mas o que é isto? O que é isto? “É ela!” exclamou ele quase em voz alta. Com efeito, era ela, a mesma que ele tinha visto na Niévski e que tinha acompanhado até sua casa.

No entanto, ela levantou os cílios e olhou para todos com seu olhar brilhante. “Ai, Meu Deus, como é bela!...” pôde apenas articular com a respiração entrecortada. Ela passou os olhos sobre aquele grupo de pessoas sedentas por atrair sua atenção, uma mais do que a outra, mas com certo cansaço e indiferença, desviou o olhar rapidamente e encontrou os olhos de Piskarev. Oh, que céu! que paraíso! Dai-me forças, criador, para suportar isso! a vida não tem lugar para tanto, isso vai destruir e levar consigo minha alma!

Ela fez um sinal, mas não com a mão, nem com uma inclinação de cabeça, não, os seus olhos contundentes fizeram esse sinal com uma expressão tão sutil e imperceptível que ninguém poderia percebê-lo e compreendê-lo a não ser ele. A dança se prolongou por muito tempo; a música cansada parecia apagar-se e extinguir-se, e de novo crescia, esganava, retumbava; finalmente — o fim! — Ela sentou, seu peito ergueu-se sob a fina fumaça de gaze; sua mão (Deus, que mão encantadora) caiu sobre seus joelhos e comprimiu o vestido esvoaçante, e o vestido parecia respirar a música e a sua cor de suave lilás evidenciava ainda mais a brancura viva desta mão maravilhosa. Apenas tocar nela — e nada mais! nenhum outro desejo — todos eles pareceriam insolentes... Ele estava atrás de sua cadeira, não ousava falar, nem mesmo respirar. “Você estava se aborrecendo?” perguntou ela.

“Eu também. Estou notando que você me odeia...” acrescentou ela, baixando os longos cílios.

“Odiar você? eu? eu...” quis articular Piskarev se confundindo completamente e teria dito provavelmente um amontoado de palavras incoerentes. Mas nesse momento se aproximou um oficial superior fazendo observações graciosas e simpáticas com um bonito topete crespo na cabeça. Ele punha agradavelmente à mostra uma fileira de dentes bons e cada gracejo era uma pontada aguda em seu coração. Finalmente alguém dos presentes, por sorte, dirigiu-se ao oficial com uma pergunta.

— Como isto é insuportável! — ela disse, levantando os olhos celestiais para ele. — Vou sentar no outro lado do salão; vá para lá! — Ela deslizou entre todos e desapareceu. Como um louco ele cindiu a multidão e foi para lá.

Então era ela! ela estava sentada, como uma rainha, linda, de todas a mais bonita, de todas a melhor, e procurava seus olhos.

— Você está aqui? — ela falou em voz baixa. — Eu vou ser sincera com você; provavelmente lhe pareceram estranhas as circunstâncias de nosso encontro. Será possível que você tenha chegado a pensar que eu poderia pertencer àquela classe desprezível de criaturas, na qual você me encontrou? Parecerão estranhas minhas atitudes, mas vou lhe revelar um segredo: você seria capaz — acrescentou ela, fixando os seus olhos atentamente nos olhos dele — de não traí-lo nunca?

— Oh, serei! serei! serei!...

Mas nesse momento se aproximou um homem de meia-idade e começou a falar com ela em alguma língua incompreensível para Piskarev e ofereceu-lhe o braço. Ela olhou para Piskarev com um olhar suplicante e fez um sinal para ele permanecer no lugar onde estava e esperar sua volta, mas, num arrebatamento de impaciência, ele que não tinha mais forças para suportar nenhuma ordem, até mesmo vindo daquela boca, atirou-se atrás dela. A multidão separou-os e ele perdeu de vista o vestido lilás; passou agitado de uma sala para outra, empurrando todos os que encontrava sem

caridade, mas nas salas só estavam sentados figurões, jogando whist, submersos num silêncio mortal. Num canto de um quarto alguns homens mais velhos discutiam sobre as vantagens do serviço militar sobre o civil; em um outro alguns, em magníficos fraques, lançavam rápidas observações sobre as obras em vários volumes, de um laborioso poeta. Piskarev sentiu que um senhor de idade, de aspecto respeitável, o agarrava pelo botão de seu fraque e lhe expunha o motivo bastante justo de sua observação, mas ele grosseiramente empurrou-o, sem mesmo notar que no peito dele havia uma condecoração bastante expressiva. Correu para outro aposento — lá ela também não estava. No terceiro também não. “Onde está ela! Quero-a! Oh, eu não posso viver sem vê-la! Preciso saber o que queria dizer-me.” -- Mas toda sua busca resultou em nada.

Inquieto, extenuado, ele se apoiou a um canto e olhou para a multidão; mas seus olhos tensos começaram a lhe apresentar tudo sob certo aspecto nebuloso. Finalmente, começaram a aparecer claramente as paredes de seu quarto. Levantou os olhos; diante dele estava o candelabro com a vela quase extinta: a vela inteira tinha se derretido, e o sebo estava derramado em sua mesa.

Então ele adormecera! Meu Deus, que sonho! e por que despertara? por que não esperar um minuto mais! ela, provavelmente, iria aparecer de novo! Uma luz enfadonha com um brilho desagradável e opaco espiava por sua janela. O quarto naquela confusão cinza e nebulosa... Oh, como é repugnante a realidade! O que é ela, comparada com o sonho! Despiu-se rapidamente e deitou-se na cama, envolvendo-se numa manta e desejando evocar, por um momento, aquele sonho fugidio. O sonho, com efeito, não tardou a chegar, mas não se apresentou, em absoluto, como ele desejaria: ora era o tenente Pirogév que aparecia com um cachimbo, ora era um guarda da academia, ora um verdadeiro conselheiro público, ora a cabeça de uma finlandesa velha, da qual certa ocasião pintou um retrato, ou qualquer outro absurdo semelhante.

Até o meio-dia permaneceu na cama, tentando dormir, mas ela não apareceu. Oxalá por um minuto voltasse a

mostrar seus traços maravilhosos, oxalá por um minuto apenas pudesse fazer ouvir o ruído de seus passos ligeiros, e passar diante dele o seu braço desnudo e brilhante como a neve mais nova!

Deixando tudo de lado, esquecendo-se de tudo, ele permanecia sentado com um aspecto de desconsolo e desespero, absorvido somente por uma visão. Não pensava nem em tocar alguma coisa, os seus olhos sem qualquer destino, sem qualquer vida, olhavam pela janela que dava para um pátio onde um aguadeiro sujo vertia água, a qual se congelava no ar, e a voz trêmula de um vendedor ecoava: "roupa velha vender..." Todo o cotidiano e o real afetavam estranhamente seu ouvido. Assim, ele ficou sentado até a noite e com ansiedade jogou-se novamente na cama. Por muito tempo lutou com a insônia, mas finalmente venceu-a. De novo um sonho, um sonho trivial e vil. "Meu Deus, tenha pena de mim: ao menos por um minuto, por um só minuto faça-a aparecer!" E de novo esperou a noite, de novo dormiu e de novo sonhou com algum funcionário que era ao mesmo tempo funcionário e fagote.

"Oh! Isto é insuportável!" Mas finalmente ela surge! Sua cabecinha e cachos... ela fica olhando... Oh! mas que breve! novamente uma névoa, novamente alguma visão estúpida.

Por fim, os sonhos tornaram-se sua própria vida, e daí em diante toda sua vida tomou um rumo estranho: pode-se dizer que ele dormia de olhos abertos e sonhava acordado. Se alguém o visse sentado em silêncio diante de uma mesa vazia ou andando pela rua, certamente o tomaria por um lunático ou um arruinado pelas bebidas alcóolicas; seu olhar não tinha absolutamente qualquer sentido, a sua distração habitual, finalmente, se desenvolvia e expulsava de seu rosto todos os sentimentos, todos os movimentos. Ele revivia somente quando chegava a noite.

Tal estado esgotou suas forças e a mais terrível tortura para ele foi a perda total do sono. Desejando salvar esta sua única riqueza, empregou todos os recursos para recuperá-la. Tinha ouvido dizer que havia um meio para recobrar o sono

e que bastava para tanto tomar somente o ópio. Mas onde conseguir este ópio? Ele lembrou-se de um persa que tinha uma loja de chales e que quase sempre, quando o encontrava, pedia que lhe desenhasse alguma beldade. Decidiu ir à casa dele, supondo que, sem dúvida, encontraria lá este ópio. O persa recebeu-o sentado no divã sobre as pernas: “Para que quer o ópio?” perguntou-lhe. Piskarev contou-lhe sobre sua insônia.

— Está bem, eu lhe darei o ópio, mas desenhe para mim alguma beldade. Que seja bonita! Que as sombrancelhas sejam negras e os olhos grandes, como azeitonas; e que eu mesmo esteja deitado ao lado dela, fumando cachimbo! Está escutando? Que seja bonita, que seja uma beldade!

Piskarev prometeu tudo. O persa saiu por um minuto e voltou com um recipiente cheio de um líquido escuro, do qual cuidadosamente verteu uma parte para outro recipiente e deu a Piskarev, instruindo-o para que não pusesse mais de sete gotas na água. Com ansiedade ele agarrou aquele precioso pote que não teria trocado nem por um amontoado de ouro e saiu correndo para casa.

Ao chegar em casa, colocou algumas gotas em um copo com água, engoliu e pegou no sono. Meu Deus! Que alegria! Ela! Outra vez ela! Mas agora com um aspecto completamente diferente. Oh! Como está bonita sentada junto à janela de uma alegre casinha de campo! Sua roupa respira com aquela candura com a qual se reveste somente o pensamento do poeta. E o seu penteado... Deus, como é simples este penteado e como lhe cai bem! Uma pequena trança cai de leve sobre seu pescoço esbelto; tudo nela é sóbrio, tudo nela é mistério e tem uma inexplicável sensação de bom gosto. Como é delicado e gracioso seu modo de andar! Quanta musicalidade no ruído de seus passos e na simplicidade de seu vestido! Que lindo braço comprimido por um bracelete de cabelo! Ela lhe fala com lágrimas nos olhos: “Não me despreze: eu absolutamente não sou quem você pensa. Olhe para mim, olhe fixamente e me diga: por acaso eu seria capaz daquilo que você está pensando? Oh! não, não! Que alguém se atreva a pensar, que se atreva...” Mas ele despertou! emocionado, confuso, com os olhos cheios de

lágrimas. “Seria melhor que você não existisse! Que não pertencesse a este mundo e que fosse somente fruto da imaginação de um pintor! Eu então não me afastaria da tela, ficaria olhando e beijando você eternamente. Eu viveria e respiraria através de você, como num sonho maravilhoso, e então eu seria feliz. E não teria mais nenhum desejo. Eu a invocaria como anjo da guarda antes do sono e da vigília, e eu a esperaria até que surgisse o momento de expressar o divino e o sagrado. Mas agora... que vida horrível! Para que viver? Por acaso a vida de um louco é agradável para seus parentes e amigos, que um dia o amaram? Meu Deus, que vida a nossa! um eterno conflito entre o sonho e a realidade!”

Tais pensamentos o ocupavam sem cessar. Ele não pensava em nada e quase não comia; impaciente, com a paixão de um amante esperava a noite e a desejada visão. A incessante orientação de seus pensamentos para uma única direção adquiriu, por fim, tal poder sobre seu ser e sua imaginação que a imagem desejada lhe aparecia quase todos os dias e sempre numa situação oposta à realidade, pois os seus pensamentos eram completamente puros, como os de uma criança. Através destes sonhos o mesmo objeto se tornava de certo modo mais puro e se transformava por completo.

As doses de ópio acendiam ainda mais seus pensamentos e se existisse algum ser enamorado até o último grau de loucura, impetuoso, terrível, destruidor e rebelde, então este pobre infeliz seria ele.

Entre os seus sonhos havia um mais alegre do que todos: aparecia-lhe o seu atelier. Ele estava tão feliz, com tanto prazer sentava com a paleta nas mãos. E ela também estava ali. Era sua mulher. Sentada ao seu lado, apoiava o cotovelo encantador no encosto de sua cadeira e observava o seu trabalho. Os olhos lânguidos e cansados refletiam um tempo de felicidade; em todo o seu aposento respirava o paraíso; era tão claro e tão arrumado... Oh! Deus! Ela reclinava em seu peito a sua encantadora cabecinha. Ele nunca tivera um sonho melhor. Depois dele levantava-se um pouco mais aliviado e menos disperso do que antes. Em sua cabeça nasciam estranhos pensamentos: “Quem sabe, pensa-



va, ela tenha sido arrastada para a depravação por algum acontecimento terrível e involuntário; pode ser que os movimentos de sua alma estejam inclinados ao arrependimento; quem sabe ela mesma deseje escapar daquela sua terrível condição. E será possível admitir impassivelmente a sua perdição quando bastaria estender-lhe a mão para salvá-la deste abismo? Seus pensamentos iam cada vez mais longe. “Ninguém me conhece”, dizia para si próprio: “e não é da conta de ninguém e ninguém tem nada com isso.”

“Se ela manifestar um verdadeiro arrependimento e mudar de vida, eu me caso com ela. Devo casar-me com ela e com certeza eu farei muito melhor do que muitos que se casam com suas governantas e até mesmo com as mais depreciáveis criaturas. Mas o meu feito será desinteressado e, quem sabe, até grande. Eu devolverei ao mundo o melhor de seus ornamentos.”

Tendo elaborado este plano imprudente sentiu o rubor acender seu rosto; aproximou-se do espelho e se espantou com as faces cavadas e a palidez de seu rosto. Começou a se arrumar cuidadosamente; lavou-se, penteou os cabelos, vestiu um fraque novo e um colete elegante, pôs uma capa e saiu para a rua. Respirou o ar fresco e sentiu um frescor no coração, como um convalescente que decide sair pela primeira vez depois de uma profunda doença. O seu coração palpitou ao se aproximar daquela rua na qual não tinha posto os pés desde o fatídico encontro.

Ficou procurando a casa por muito tempo; parecia que a memória lhe falhava. Passou pela rua duas vezes sem saber diante de qual parar. Finalmente uma lhe pareceu semelhante. Subiu rapidamente a escada, bateu na porta: a porta se abriu e quem saiu a seu encontro? Seu ideal! Sua imagem misteriosa, de seus quadros sonhados aquele com o qual ele vivia tão terrivelmente, com tanto sofrimento e com tanta doçura. Ela mesma estava diante dele: ele começou a tremer; mal podia manter-se em pé de tanta fraqueza, envolvido por um arrebatamento de felicidade. Ela estava diante dele tão maravilhosa e, apesar de os seus olhos estarem sonolentos e a palidez estar estampada em seu rosto que já não tinha a mesma frescura, ela era ainda muito bonita.

— Ah! — exclamou ao ver Piskarev esfregando seus olhos. Já eram duas horas. — Por que fugiu de nós aquele dia?

Extenuado ele sentou numa cadeira e olhou para ela.

— E eu acabo de despertar; trouxeram-me às sete da manhã. Eu estava completamente bêbada — acrescentou ela com um sorriso.

Oh, seria melhor se fosse muda e tivesse perdido a língua do que pronunciar aquelas palavras! Ela de repente mostrara-lhe, como num panorama, toda a sua vida. No entanto, sem ligar para isso, com dor no coração, resolveu provar se suas advertências exerceriam nela algum efeito. Recobrando o ânimo, com a voz trêmula e ao mesmo tempo ardente, ele começou a mostrar-lhe todo o horrível de sua condição. Ela o escutava com atenção e com aquele sentimento de assombro que se manifesta em nós diante de algo inesperado e estranho. Deu uma olhada, sorrindo de leve para sua amiga, sentada em um canto e que, parando de limpar um pentinho, se pôs também a ouvir com atenção o novo pregador.

— É verdade, sou pobre — disse Piskarev depois de um longo e instrutivo sermão: — mas nós começaremos a trabalhar, nos esforçaremos um mais do que o outro para tornar nossa vida melhor. Nada é mais gratificante do que dever tudo a si mesmo. Eu vou ficar sentado, ocupado com os meus quadros, você sentará ao meu lado, inspirará minhas obras, ficará bordando ou fazendo qualquer outro trabalho manual — e nós não sentiremos falta de nada.

— Como é possível! — interrompeu ela seu discurso, manifestando certo desprezo. -- Eu não sou nenhuma lavadeira ou costureira para me pôr a trabalhar.

Meu Deus! Com estas palavras revelou-se toda aquela vida baixa, desprezível, uma vida repleta de vazio e futilidade, verdadeiros companheiros do vício.

-- Case-se comigo! — intercedeu com um ar insolente a amiga que até então estivera calada em um canto. — Se eu for sua mulher, eu ficarei sentada dessè jeito mesmo! — E com isso ela deu uma expressão tão estúpida a seu esquálido rosto que fez a beldade rir desmedidamente.

Oh! Isto já era demais! Não havia mais forças para suportar. Privado de sentimentos e pensamentos, pôs-se a correr dali. Sua mente estava turvada. Ele vagou durante todo o dia completamente tonto, sem objetivo, sem ver, ouvir e sem sentir coisa alguma. Ninguém poderia saber se ele tinha passado a noite em alguma parte e somente no outro dia um certo instinto o conduziu para sua casa, pálido, com horrível aspecto, despenteado e com traços de loucura no rosto. Ele fechou-se em seu quarto, não pediu nada e não deixou ninguém entrar. Transcorreram quatro dias e o seu quarto fechado nem uma vez se abriu; finalmente, passou uma semana e o quarto continuou da mesma forma, fechado. Bateram na porta, começaram a chamar por ele, mas não houve resposta; então forçaram a porta e encontraram seu cadáver com a garganta cortada. Uma navalha ensanguentada estava jogada no chão. Pelos seus braços convulsivamente estendidos e pelo seu aspecto terrivelmente disfigurado, podia-se concluir que sua mão errara e que ele sofrera por longo tempo antes que sua alma pecadora deixasse o corpo.

Assim morreu, vítima de uma louca paixão o pobre Piskarev, quieto, tímido, modesto, infantilmente ingênuo, levando consigo uma faísca de talento, que talvez pudesse ter-se incendiado, ampla e brilhante. Ninguém chorou por ele, ninguém, é claro, esteve junto de seu cadáver, a não ser as habituais figuras do inspetor municipal e do rosto indiferente do médico municipal. Seu caixão foi levado para Okhta, discretamente, sem cerimônias religiosas; atrás dele chorava somente um guarda e isto porque havia bebido mais do que um litro de vodka. Nem mesmo o tenente Pirogóf, que em vida demonstrara-lhe sua mais alta proteção, apareceu para ver o cadáver do pobre infeliz. Além do mais, ele não estava absolutamente preocupado com isto: ele estava ocupado com um acontecimento excepcional.

Vamos então voltar para ele. Eu não gosto de cadáveres e defuntos e me é sempre desagradável quando atravessam em meu caminho um longo cortejo fúnebre e um soldado inválido, vestido como um capuchinho, que cheira o rapé com a mão esquerda, porque a direita está ocupada com a tocha. Eu sempre me sinto mal diante de um carro fúnebre com um

caixão recoberto de veludo; mas o meu mal-estar se mescla de compaixão quando vejo um cocheiro conduzindo um caixão de um pobre-diabo, sem forro vermelho algum, e com apenas uma mendiga qualquer encontrada na encruzilhada, que se arrasta atrás dele, por não ter outra coisa para fazer.

Parece-me que abandonamos o tenente Pirogóv no momento em que ele se separava do pobre Piskarev para lançar-se atrás da loura. Esta loura era uma criaturinha leve e até que bastante interessante. Ela parava diante de todas as lojas e passava os olhos pelas vitrines, olhava os cintos, lenços, brincos, luvas e outras futilidades, movendo-se incessantemente e, olhando para todos os lados, virava-se às vezes para trás. "Minha pombinha!" disse presunçoso Pirogóv, continuando sua perseguição e escondendo o rosto na gola de seu capote para não encontrar conhecidos.

Com certeza, não incomodará os leitores se informar quem era o tenente Pirogóv. Mas antes de dizer quem era o tenente Pirogóv, não será demais contar alguma coisa sobre a sociedade a que ele pertencia.

Existem oficiais que constituem em Petersburgo uma certa classe média da sociedade. Num sarau, num almoço na casa de um conselheiro civil ou de um civil efetivo que teve direito a esse grau após 40 anos de serviço, você encontrará sempre um deles. Entre umas tantas filhas de família pálidas e tão descoloridas como Petersburgo, das quais algumas ficaram amadurecidas demais, junto à mesinha de chá, ao piano, e aos bailes familiares; estarão inseparáveis disso tudo as dragonas reluzentes, que brilham sob a lâmpada entre a loura de boa conduta e o fraque negro do irmãozinho ou do amigo íntimo. É extremamente difícil divertir e fazer rir essas moças de sangue-frio; para isso é preciso muita arte, ou melhor, nenhuma arte. É preciso falar de uma forma que não seja nem demasiado inteligente e nem demasiado cômica, para que em tudo haja aquela futilidade de que tanto gostam as mulheres. E nisso temos que fazer justiça aos ditos senhores. Eles possuem o dom especial de fazer rir e saber escutar essas beldades descoloridas. As exclamações sufocadas pelo riso: "Ah! Chega! Você não se envergonha de fazer-me rir desta

maneira?" são para eles freqüentemente a melhor recompensa.

Na alta sociedade não são encontrados facilmente, ou melhor, nunca. Ali eles são totalmente substituídos pelo que, nesta sociedade, chamam de aristocratas; contudo são considerados gente culta e bem educada. Gostam de conversar sobre literatura: elogiam Bulgarin, Puchkin e Grech e falam com desprezo e com uma mordacidade atroz de A.A. Orlóv. Não perdem nenhuma conferência, seja ela sobre contabilidade ou mesmo sobre silvicultura. No teatro, seja qual for a peça, você encontrará sempre algum deles, a não ser que a peça levada seja "Filatki" ou qualquer outra do gênero, que tanto ofende o seu gosto exigente. Eles estão constantemente no teatro. É este o público vantajoso para o empresário teatral. Eles gostam na peça especialmente dos versos bonitos, também gostam muito de chamar os artistas em voz alta; muitos deles, por ensinar em instituições oficiais ou por preparar alunos para estes estabelecimentos, conseguem adquirir finalmente uma carruagem com uma parilha de cavalos. Então, o seu círculo se torna mais amplo; eles chegam, por fim, até a casar-se com a filha de um comerciante que sabe tocar piano, que tem cem mil rublos, ou por aí, à vista, e um montão de parentes barbudos. No entanto eles não podem alcançar esta honra até atingir, pelo menos, o grau de coronel. Porque os barbichas russos, apesar de ainda cheirarem um pouco a repolho, não querem de nenhuma forma ver as suas filhas casadas com ninguém a não ser generais, ou pelo menos coronéis.

Estas são as principais características deste tipo de jovens. Mas o tenente Pirogóv possuía uma quantidade de talentos que eram prerrogativa dele. Ele declamava perfeitamente os versos de Dimitri Donskoi e de "A desgraça de se ter inteligência", possuía uma arte especial para soltar do cachimbo argolinhas de fumaça com tanto êxito que podia encaixar por volta de dez, umas nas outras. Sabia contar com muita graça uma anedota sobre um canhão só ou o rinoceronte sozinho.

Além do mais, é muito difícil enumerar todos os talentos com que o destino dotou Pirogóv. Ele gostava de tecer

comentários sobre uma atriz ou bailarina mas não com tanta aspereza como o faria normalmente um jovem alferes. Estava muito satisfeito com o seu grau, para o qual há pouco tempo tinha sido promovido, embora às vezes, deitado no divã, dissesse: “Oh! Oh! Vaidade, tudo é vaidade! Que importa que eu seja um tenente?” Mas interiormente ele sentia-se lisonjeado com esta nova distinção; em suas conversas procurava freqüentemente fazer alusão a isto com rodeios, e uma vez, tendo encontrado na rua um certo escrivão, que se mostrara descortês, ele mais do que depressa o interrompera e, com poucas mas ásperas palavras, dera-lhe a entender que diante dele estava um tenente e não um oficial qualquer. Além do mais, esforçara-se por fazer uma exposição eloqüente, pois naquele momento estavam passando por ele duas damas não de todo desprezíveis.

Pirogów aparentava geralmente sentir paixão por tudo que fosse fino e encorajava o pintor Piskarev; isto talvez acontecesse, por ele desejar muito ver a sua fisionomia viril em um retrato. Mas já é o bastante sobre as qualidades de Pirogów. O homem é um criatura tão maravilhosa que nunca se pode enumerar de uma só vez todas as suas qualidades, pois, quanto mais o observamos, outras novas particularidades encontramos e descrevê-las seria interminável.

E assim Pirogów não tinha deixado de perseguir a desconhecida, de quando em quando entretendo-a com perguntas às quais ela respondia asperamente, de maneira entrecortada e com alguns sons confusos. Eles entraram pelos portões escuros de Kazan na rua Mechchânskaia; rua das lojas de tabaco e de miudezas, de artesãos alemães e de ninfas finlandesas.

A loura corria cada vez mais depressa até entrar voando pela porta de uma casa bastante suja. Pirogów foi atrás dela. Ela subiu correndo por uma escada estreita e escura e entrou por uma porta pela qual Pirogów também penetrou valentemente. Viu-se este em um grande aposento de paredes negras e o teto coberto de fuligem. Um montão de parafusos de ferro, instrumentos de serralheiro, cafeteiras e candelabros reluzentes estavam sobre a mesa; o chão estava coberto por limalha de cobre e de ferro. Pirogów compreendeu imediata-

mente que se tratava da casa de um artesão. A desconhecida borboleteou por uma porta lateral. Ele vacilou por um minuto, mas, de acordo com a norma russa, decidiu seguir em frente. Entrou num aposento que não se parecia em nada com o primeiro, arrumado com asseio, o que denotava que o dono era alemão. E ficou abismado à vista de algo extraordinariamente estranho:

Diante dele estava sentado Schiller, não aquele Schiller que escreveu “Guilherme Tell” e a “História da guerra dos trinta anos”, mas sim o famoso Schiller, mestre dos funileiros da rua Mechachânskaia. Junto de Schiller estava de pé Hoffman. Não o escritor Hoffman, mas o notável sapateiro da rua dos Oficiais, grande amigo de Schiller. Schiller, bêbado, estava sentado numa cadeira, batendo os pés e dizendo algo apaixonadamente. Como se isso não bastasse, Pirogóv surpreendeu-se ainda mais sobejamente com a estranha posição das duas pessoas. Schiller estava sentado, expondo seu nariz bastante grosso com a cabeça levantada para cima; e Hoffman segurava-o pelo nariz com dois dedos e dava voltas com a lâmina de sua faca de sapateiro sobre sua superfície. Ambos falavam em alemão e por isso o tenente Pirogóv, que só sabia em alemão “Gut Morgen”, não podia entender nada daquela história. Por outro lado as palavras de Schiller consistiam no seguinte:

— Eu não quero, eu não preciso do nariz! — dizia ele agitando as mãos: — Eu tenho por causa do nariz um gasto de três libras de tabaco por mês. E eu pago numa horrível venda russa, porque na alemã não tem tabaco russo, eu pago numa horrível venda russa para cada libra 40 copeques; isto significa 1 rublo e 20 copeques; isto significa 14 rublos e 40 copeques. Está escutando, meu amigo Hoffman? Por causa do nariz, 14 rublos e 40 copeques!! A propósito, nas festas eu cheiro rapé, porque não quero cheirar tabaco russo ruim nas festas. Eu cheiro por ano duas libras de rapé, por 2 rublos a libra. 6 mais 14 são 20 rublos e 40 copeques, apenas para o tabaco! É ou não é um roubo, eu pergunto a você, meu amigo Hoffman? Não é isto?

Hoffman que também estava bêbado respondia afirmativamente: “20 rublos e 40 copeques! Sou um alemão

de nobre estirpe; eu tenho um rei na Alemanha. Eu não quero nariz! Cortem meu nariz! Peguem meu nariz!”

E, se não fosse a súbita aparição do tenente Pirogów, sem dúvida alguma Hoffman teria cortado sem mais nem menos o nariz de Schiller, pois ele já tinha levado sua faca àquela posição como se quisesse cortar uma sola.

Schiller mostrou-se muito irritado pelo fato de um rosto desconhecido e não convidado tão inoportunamente o ter incomodado de repente. Apesar de estar sob o efeito embriagador da cerveja e do vinho, ele sentiu o quanto era inconveniente estar naquele estado e prestes àquela ação diante de uma testemunha desconhecida. Enquanto isso, Pirogów inclinando-se ligeiramente, como lhe era peculiar, dizia:

— Me desculpe. . .

— Fora! — respondeu Schiller, prolongando as sílabas.

O tenente Pirogów ficou desconcertado. Tal tratamento era completamente novo para ele. O sorriso, que suavemente aparecia em seu rosto, desapareceu de repente. Com um sentimento de dignidade ferida disse:

— Isso me parece estranho, meu excelentíssimo senhor. . . o senhor certamente não reparou. . . eu sou um oficial. . .

— E o que é um oficial! Eu sou um alemão de nobre estirpe. Eu mesmo — e com isso Schiller bateu com o punho na mesa — serei um oficial: em um ano e meio cadete, em dois anos tenente e amanhã mesmo serei um oficial. Mas eu não quero servir. Faço isso com oficiais: “Pfui. . .”. E Schiller aproximou a palma da mão e soprou nela com nojo.

O tenente Pirogów percebeu que não lhe restava mais nada a não ser retirar-se; no entanto, tal procedimento não era digno absolutamente do seu grau e lhe era desagradável. Parou algumas vezes na escada como se desejasse recobrar o ânimo e pensar sobre a maneira de fazer Schiller entender seu atrevimento. Finalmente, julgou que se poderia desculpar Schiller pois sua cabeça estava cheia de cerveja; ao mesmo tempo pensou na bonita lourinha e decidiu dar o



caso por esquecido. No dia seguinte, bem cedo, Pirogów apareceu na funilaria do mestre. No primeiro aposento foi ao seu encontro a bela loira e, com voz bastante severa, que combinava muito com seu rostinho, perguntou:

— O que o senhor deseja?

— Oh! Como vai, minha querida! Você não está me reconhecendo, danadinha? que olhos lindos! . . . — E, dizendo isto, o tenente Pirogów tentou muito gentilmente levantar o seu queixo. Mas a loirinha com uma exclamação de espanto e com aquela mesma severidade perguntou:

— O que o senhor deseja?

— Eu não desejo mais nada a não ser vê-la — argumentou o tenente Pirogów, sorrindo agradavelmente e se aproximando mais, mas, percebendo que a loirinha assustada queria deslizar pela porta, acrescentou:

— Eu preciso, minha querida, encomendar umas esporas. Você poderia me fazer umas esporas? Embora para amá-la absolutamente não sejam necessárias esporas, mas antes rédeas. Que mãozinhas encantadoras! — O tenente Pirogów era sempre muito amável em explicações dessa espécie.

— Vou chamar meu marido, já! exclamou a alemã e saiu; e em poucos minutos Pirogów viu Schiller que aparecia com olhos sonolentos e mal restabelecido da bebedeira da véspera. Olhando para o oficial, ele lembrou-se como num sonho confuso dos incidentes do dia anterior. Não lembrava exatamente como tudo acontecera, mas sentiu que tinha feito alguma bobagem e por isso recebeu o oficial com um ar bastante severo.

— Pelas esporas eu não posso pedir menos do que 15 rublos, disse ele, procurando livrar-se de Pirogów, pois, como honrado alemão, sentia vergonha de olhar para alguém que o tinha visto em situação inconveniente. Schiller gostava de beber sem testemunhas, e apenas com dois ou três amigos, e se escondia naqueles momentos até mesmo de seus empregados.

— E por que tão caro? — disse Pirogów amavelmente.

— É um trabalho alemão — acrescentou Schiller com serenidade, acariciando a barba — um russo aceitará fazê-las por 2 rublos.

— Está bem, para lhe provar que eu gosto do senhor e que desejo conhecê-lo, eu pagarei 15 rublos!

Schiller ficou parado por um minuto, refletindo: na qualidade de alemão honesto sentiu um pouco de vergonha. Desejando se esquivar do encargo, declarou que antes de duas semanas não poderia fazê-las. Mas Pirogóf sem objeção alguma manifestou sua absoluta aprovação.

O alemão, pensativo, começou a meditar sobre como fazer o trabalho da melhor forma para que valesse, com efeito, os 15 rublos. Nesse momento a loura entrou na oficina e começou a revolver a mesa cheia de cafeteiras. O tenente se aproveitou da meditação de Schiller, para aproximar-se dela e apertar-lhe o braço desnudo até o ombro. Isto decididamente não agradou a Schiller.

— Meine Frau! gritou.

— Was wollen Sie doch? — contestou a loura.

— Gehen sie para a cozinha! — a loura retirou-se.

— Então, daqui a duas semanas? — disse Pirogóf.

— Sim, daqui a duas semanas — respondeu Schiller pensativo: — agora tenho muito trabalho.

— Até logo, passarei por aqui!

— Até logo — respondeu Schiller fechando a porta atrás dele.

O tenente Pirogóf decidiu não abandonar sua busca, apesar de a alemã ter manifestado uma resistência evidente. Não podia compreender como era possível desprezá-lo; ainda mais que sua amabilidade e sua brilhante posição davam-lhe pleno direito à atenção.

É necessário dizer também que a mulher de Schiller, apesar de toda sua graça, era muito boba. A estupidez, por outro lado, constitui o atrativo particular de uma esposa bonita. Pelo menos, eu sei que muitos maridos, extasiados com a estupidez de suas esposas, vêem nela todos os sinais de uma virgindade juvenil. A beleza realiza verdadeiros mila-

gres. Todos os defeitos morais em uma beldade, em lugar de produzirem repugnância, tornam-se, de certo modo, extraordinariamente atraentes; até mesmo o vício respira nela com suavidade, mas, desaparecendo a beleza, a mulher precisa ser pelo menos vinte vezes mais inteligente que o homem para inspirar, se não amor, pelo menos respeito. Assim, a mulher de Schiller, apesar de toda a estupidez, fora sempre fiel à sua obrigação, e por isso seria muito difícil para Pirogóv obter êxito em sua audaciosa empresa; mas à vitória sobre um difícil obstáculo junta-se sempre o prazer, e a louira tornava-se para ele cada dia mais interessante. Começou a ir, com freqüência, informar-se sobre as esporas, o que acabou por aborrecer Schiller. Ele empregou todas as suas forças para terminá-las o mais rápido possível; e finalmente ficaram prontas.

— Ah! que trabalho excelente! — exclamou o tenente Pirogóv, ao ver as esporas. — Senhor, como estão bem feitas! Nem o nosso general tem esporas assim.

Um sentimento de satisfação brotou na alma de Schiller. Os seus olhos expressaram muita alegria e ele se reconciliou completamente com Pirogóv. — O oficial russo é um homem inteligente — pensou consigo mesmo.

— E então, quer dizer, o senhor poderia fazer também um engaste, por exemplo, para um punhal ou para outros objetos?

— Oh! claro que posso! — respondeu Schiller com um sorriso.

— Pois então faça-me um engaste para um punhal. Eu vou trazê-lo. Eu tenho um punhal turco muito bom, mas gostaria de fazer outro engaste para ele.

Isto atingiu Schiller como uma bomba. Sua testa franziu de repente. — Pronto... — pensou consigo mesmo, censurando-se interiormente por ele mesmo ter se encarregado do trabalho. Recusar-lhe parecia desonesto, e além do mais o oficial russo tinha elogiado seu trabalho. Balançando a cabeça algumas vezes, ele expressou o seu consentimento; mas o beijo que Pirogóv deu descaradamente,

quando saía, nos lábios da bela loura, deixou-o completamente perplexo.

Não considero supérfluo apresentar Schiller mais detalhadamente ao leitor. Schiller era um alemão perfeito, no sentido completo da palavra.

Já aos vinte anos de idade, naquela época feliz em que o russo vive ao bel-prazer. Schiller tinha planejado toda sua vida e em nenhum momento abria exceções.

Ele se levantava às 7 horas, almoçava às 2, era sempre exato em tudo e sempre bêbado aos domingos. Em apenas 10 anos decidira fazer um capital de 50 mil rublos, e isto já era tão certo e tão seguro como o destino, pois é mais provável que um funcionário se esqueça de dar uma passadinha pela portaria de seu superior do que um alemão resolver mudar de opinião.

De nenhum modo ele aumentava seus gastos e, se o preço da batata estava subindo em demasia, ele não acrescentava nem um copeque a mais, e reduzia somente a quantidade, e, mesmo que às vezes sentisse um pouco de fome, logo se acostumava com isso. Sua exatidão chegara a tal ponto que ele resolveu beijar a sua mulher não mais que duas vezes em 24 horas, e, para não fazê-lo nem uma vez a mais, ele nunca colocava mais do que uma colherinha de pimenta na sua sopa; no entanto, no domingo esta regra não era cumprida tão rigorosamente, pois Schiller tomava então duas garrafas de cerveja e uma de vodka de cominho, o que aliás costumava ser objeto de sua censura.

Ele bebia não como o inglês que imediatamente depois do almoço fecha a porta com o gancho e enche a cara sozinho. Ao contrário, como um bom alemão, bebia sempre com inspiração, ou com o sapateiro Hoffman, ou mesmo com o carpinteiro Kuntz, também alemão e grande bebedor.

Tal era o caráter do nobre Schiller que finalmente se via em uma situação excepcionalmente embaraçosa. Apesar de ser fleugmático e alemão, o procedimento de Pirogóf suscitava nele algo parecido com o ciúme. Ele quebrava a cabeça, mas não conseguia encontrar a maneira de se safar

daquele oficial russo. Enquanto isso, Pirogów fumando cachimbo em um grupo de amigos, pois, como fora determinado pela Providência, onde há oficiais lá estão os cachimbos, dava a entender muito significativamente, e com um sorriso agradável, sua aventura com a linda alemã, com a qual, segundo suas palavras, já tinha muita intimidade e, com efeito, era pouco provável que ele perdesse a esperança de atraí-la para seu lado.

Um dia, passeando pela rua Mechchânskaia, olhou para a casa na qual brilhava o letreiro de Schiller com cafefeteiras e samovares e, para sua maior alegria, viu a cabecinha da loura que se inclinava pela janelinha para olhar os transeuntes. Ele parou, fez-lhe um cumprimento com a mão e disse:

— Gut Morgen.

A loura cumprimentou-o como a um conhecido.

— Então? seu marido está em casa?

— Sim, está — respondeu a loura.

— E quando ele não está em casa?

— Aos domingos ele não está em casa, disse a bobinha.

— Isto é muito bom, pensou consigo mesmo Pirogów. É preciso aproveitar isso aí.

E no domingo seguinte, como uma chuva inesperada, apareceu diante da lourinha. Schiller realmente não estava em casa. A linda anfitriã assustou-se, mas Pirogów procedeu desta vez muito cautelosamente, tratou-a com muito respeito e, ao cumprimentá-la, exibiu toda a beleza de seu ágil e atraente talhe. Ele gracejou agradavelmente e com muita cortesia, mas a alemã bobinha respondia a tudo com monossílabos. Finalmente, procurando uma saída por todos os lados e vendo que nada a interessava, convidou-a para dançar. A alemã aceitou num minuto, pois as alemãs estão sempre prontas para dançar.

Pirogów baseava nisso todas as suas esperanças: primeiro porque isso lhe causaria prazer, segundo porque poderia exhibir sua silhueta e sua habilidade e, terceiro, porque, dançando, poderia estar mais perto, abraçar a linda alemã e começar tudo, enfim, a partir disso chegar ao sucesso total.

Ele começou por uma gavota, pois sabia que com as alemãs é preciso ser gradativo. A linda alemã colocou-se no centro do aposento e levantou o maravilhoso pezinho. Esta posição deixou Pirogów tão encantado que se atirou e beijou-a. A alemã pôs-se a gritar e isso tornou-a ainda mais encantadora aos olhos de Pirogów, e ele a cobriu de beijos.

Mas, de repente, a porta abriu-se e entrou Schiller com Hoffman e com o carpinteiro Kuntz. Todos estes dignos artesãos estavam bêbados como sapateiros.

Deixo, no entanto, os próprios leitores avaliando a cólera e a indignação de Schiller.

— Ordinário! — gritava ele com a maior fúria — como se atreve a beijar minha mulher? É um canalha e não um oficial russo. Com os diabos, meu amigo Hoffman, eu sou um alemão e não um porco russo.

Hoffman respondia afirmativamente. — Oh! eu não quero ter chifres! Pegue-o, meu amigo Hoffman, pela gola, eu não quero, continuava ele, agitando as mãos, enquanto seu rosto ficava parecido com o tecido vermelho de seu colete. — Eu moro em Petersburgo há 8 anos; tenho minha mãe na Suábia e meu tio em Nüremberg; eu sou alemão e não sou uma vaca cornuda! Tire tudo dele, meu amigo Hoffman! Segure-o pela mão e pelo pé, camarada Kuntz! — E os alemães agarraram Pirogów pelas mãos e pelos pés.

Ele se esforçava em vão para defender-se, aqueles três artesãos eram os mais robustos de todos os alemães de Petersburgo e o trataram tão grosseiramente e com tanta brutalidade que, confesso, de nenhuma forma encontraria palavras para expressar esse triste acontecimento.

Estou certo de que no dia seguinte Schiller estava com uma forte febre, que tremia como uma folha esperando minuto por minuto a chegada da polícia e que, só Deus sabe, o quanto ele daria para que todo o ocorrido na véspera tivesse sido um sonho. No entanto, o que tinha sido não podia ser mudado. Nada podia ser comparado com a cólera e a indignação de Pirogów. A própria idéia de tão terrível ofensa enfurecia-o.

Ele considerava a Sibéria e os chicotes como o mais insignificante castigo para Schiller. Voou para casa para depois de vestir-se ir direto ao general, descrever-lhe com as cores mais chocantes a violência dos artesãos alemães. Também pretendia apresentar por escrito uma petição ao Estado Maior para, caso a designação do castigo fosse insuficiente, aumentá-la ainda mais e mais.

No entanto, tudo isso terminou de um modo estranho: durante o caminho ele entrou em uma confeitaria, comeu dois pastéis de massa folhada, leu algo no “Abelha do Norte” e saiu de lá já bem mais aliviado. Além do mais, a tarde bastante fresca e agradável impeliu-o a dar uma volta pela Avenida Niévski.

Por volta das 9 horas ele já estava mais calmo e chegara à conclusão de que seria inconveniente incomodar o general num domingo, além do que ele, sem dúvida alguma, teria sido chamado a qualquer parte.

E então dirigiu-se à casa do chefe do Departamento de Inspetores, onde havia uma reunião muito agradável de funcionários e oficiais. Passou a noite ali com prazer, e sobressaiu-se tanto na mazurca a ponto de extasiar não somente as damas, mas também os cavalheiros.

Que mundo maravilhoso o nosso! pensava eu ao passar pelo terceiro dia na Avenida Niévski, lembrando-me destes dois acontecimentos. De que modo tão estranho e tão incompreensível o destino brinca conosco! Conseguimos alguma vez aquilo que desejamos? Alcançamos aquilo para que parecem estar intencionalmente preparadas nossas forças? Tudo acontece ao contrário. Para um o destino oferece cavalos maravilhosos sobre os quais cavalga com indiferença, sem reparar em sua beleza, enquanto um outro, cujo coração arde de paixão por cavalos, anda a pé e se contenta tão somente em estalar a língua, quando diante dele passa um bom trotador. Aquele possui um excelente cozinheiro, mas, por desgraça, tem uma boca tão pequena que não pode enfiar nela, de nenhuma forma, mais do que dois bocadinhos de comida, o outro tem uma boca do tamanho do arco do edifício do Estado Maior, mas ai! Tem que se contentar com qualquer comida alemã, à base de batatas.

De que modo estranho o destino brinca conosco!

Mas o mais estranho de tudo é o que acontece na Avenida Niévski. Oh! Não acredite na Avenida Niévski. Eu, toda vez que passo por ela, envolvo-me mais forte em minha capa e esforço-me para não olhar para nada que me apareça pela frente. Tudo é engano, tudo é sonho, nada é aquilo que parece. Pensa você que aquele senhor que passeia em sua sobrecasaca confeccionada com tanta perfeição é pessoa muito rica... De maneira nenhuma: ele todo consiste apenas em sua sobrecasaca. Você imagina que aqueles dois gordões, parados diante de uma igreja em construção, estão apreciando sua arquitetura — nada disso, eles estão falando sobre a maneira estranha com que duas gralhas estão sentadas uma de frente para outra. Você pensa que aquele entusiasta que agita os braços está contando como sua mulher jogou da janela uma bolinha num oficial desconhecido — nada disso, ele fala de Lafayette. Pensa você que aquelas damas... bem, nelas então você deve acreditar menos ainda. Para as vitrines das lojas olhe o mínimo possível: as bagatelas expostas são maravilhosas, mas cheiram a uma espantosa quantidade de dinheiro. É Deus o livre de espiar por sob os chapéus das damas! Mesmo de longe, quando a capa de uma beldade esvoaça, eu por nada desse mundo iria atrás dela para bisbilhotar. Mais longe, pelo amor de Deus, longe do lampião! E passe por ele o mais rápido que puder! E você ainda terá sorte se ele se limitar apenas a derramar em sua vistosa sobrecasaca o óleo mal cheiroso. Mas, além do lampião, tudo mais respira engano.

Em todo momento mente a Avenida Niévski, mas mente mais do que nunca quando a noite a envolve com sua massa espessa e realça as paredes brancas e pálidas das casas, quando então toda a cidade se transforma em trovão e resplendor e miríades de carruagens despencam pelas pontes, gritam os postilhões saltando sobre os cavalos e quando o mesmo demônio acende as luzes para mostrar tudo sob um aspecto falso.